

# O INTERNETÊS: UMA NOVA LÍNGUA OU UM NOVO PRECONCEITO?

## Autores

---

Daniele c Dos Santos Pascuali  
Elizabeth Maria Alcantara

## 1. Introdução

---

Ao observarmos o espaço dedicado à língua pela mídia seja ela a TV, o rádio, o jornal impresso, a revista e os sites . constataremos que ele, em sua absoluta maioria, organiza-se pela tradição normativa da língua, ou seja, dá-se lugar às discussões de língua por parte de gramáticos tradicionais, e até mesmo, às vezes, puristas, mas não por lingüístas, sendo, portanto, esperado que se traduza "língua" por "gramática normativa". Dessa forma, quando evidenciam-se variações e diferenças da norma padrão, são muitos aqueles que saem em manifestos para impedirem a "deteriorização lingüística".

O alvo atual de grandes "mobilizações de salvamento" é o "internetês", uma maneira de grafar palavras distinta daquela estabelecida pela convenção ortográfica. Essa nova grafia é utilizada nos gêneros recentemente produzidos pela Internet, como chats, e-mails, blogs, msm, entre outros.

Essa crítica ao "internetês" está ocorrendo porque alguns não estudiosos da língua acreditam que o ele é "uma bendita língua nova" ou "um dialeto novo, dinâmico e em constante mutação", e, por isso, representa um "perigo" à língua portuguesa.

Por isso a necessidade de discorrer sobre esses alarmes que, ao invés de "salvarem" a língua portuguesa, colaboram para aumentar o preconceito lingüístico, haja vista que os falantes, buscando conhecer um pouco mais sobre a língua, encontram na mídia essas "mobilizações" de "valorização e preservação" (como a criada pelo Fórum PCs "Eu sei escrever"), as quais reduzem língua a um simples problema de ortografia.

Portanto, propomo-nos a apresentar como os argumentos de movimento que visam "salvar" a língua, não se sustentam. Para tanto, nos respaldamos nas reflexões sobre língua e ortografia dos estudos de Cagliari (1999, 2004) e Castilho (2004).

## 2. Objetivos

---

Por meio de reflexões e discussões, embasadas em estudiosos da língua, defenderemos que o internetês, ao contrário que pregam manifestações como a página da internet "Eu sei escrever", não constitui ma "nova língua" que está pondo em perigo a língua portuguesa. Na realidade, trata-se de uma maneira de grafar com agilidade em textos on-line na Internet.

## 3. Desenvolvimento

---

O corpus para esta análise centra-se em artigos disponibilizados em diversos sites, os quais comentam o movimento "Eu sei escrever" iniciados por Paulo Couto do Fórum PCs. Esses artigos, estão referenciados na bibliografia.

## 4. Resultados

---

Em chats, msm, e-mail, está sendo utilizada especialmente pelos jovens, uma maneira peculiar de grafar os seus "bate-papos", muitas vezes, on-line. Essa maneira distinta de escrever esses textos que circulam na Internet recebeu o nome de "internetês".

Bastaram alguns e-mails com abreviações e grafias diferentes de palavras, para que pessoas, como Paulo Couto do Fórum PCs, engrossassem as fileiras de movimentos "de valorização da língua" . Um desse movimentos, que recebeu o nome de "Eu sei escrever", e, postula "incentivar a escrita correta na Internet diante da repercussão do recente vazamento do 'analfabetismo virtual' para os meios de comunicações tradicionais (...)reduzir a quantidade de erros propositais".

Toda essa "determinação" de Paulo Couto gerou adesões daqueles que pouco conhecem sobre os muitos estudos lingüísticos, como Bruno Parodi que acredita ser o "internetês" uma "nova língua":

"Estica, puxa, troca, omite, inverte e eis que temos o 'internetês', um dialeto novo, dinâmico e em constante mutação. Abreviações, corruptelas, neologismos e erros crassos estão disponíveis em diversos pontos de congestão ao longo do percurso."

Porém, um movimento como o "Eu sei escrever" não está "salvando" ou "valorizando" a língua portuguesa; ao contrário, os seus adeptos reduzem a língua a uma questão de grafia, ou seja, não separam o que vem ser a língua, do que vem a ser a ortografia.

Castilho(2004), define a língua como "uma atividade social", ou seja, "a língua é um conjunto de usos concretos, historicamente situados, que envolvem sempre um locutor e um interlocutor, localizados num espaço particular e interagindo." (CASTILHO, 2003, p.11)

Esta concepção de língua está muito longe do que vem a ser a ortografia, que é uma "convenção", a qual segundo Cagliari (1999), juntando-se ao Alfabeto, criou-se "uma forma gráfica que permite a leitura" (p. 99). E mais, "a escolha de qual seja a forma ortográfica de cada palavra é, em geral, arbitrária"(p.31). Em outras palavras, a ortografia foi um recurso estabelecido para facilitar a escrita (que é **uma** das modalidades da língua), de modo que os falantes, independentemente de suas variantes lingüísticas, pudessem ler. A ortografia é objeto de um Decreto-Lei, que determina uma maneira para se escrever palavras, isso significa então, que ortografia, não é a língua, e, portanto, uma maneira distinta de grafar os textos na Internet, como é o caso do dito "internetês", não pode ser considerada como tal.

Porém, os argumentos desse movimento, "Eu sei escrever", também garantem que os textos grafados em "internetês" não possuem coerência:

"Certa vez recebi um e-mail incompreensível enviado por um usuário com dúvidas sobre o seu PC..."

"Po.kra.eh.q.t.aum.falandu.q.o.proc.naum.funfa."(creio que seja 'Pô cara, é que tão fanado que o processador não funciona.')

"Essas poucas linhas já são suficientes para vocês perceberem o que o 'internetês' faz com a pessoa(...) mas pela incapacidade de se expressar de forma coerente, usando a regra básica de comunicação com início – meio – e fim ao associar palavras," (Couto)

Contudo, essa concepção equivocada não se sustenta diante de uma análise lingüística, como a apresentada por Possenti, lingüista, professor do Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos de Linguagem da UNICAMP, que garante ser a mensagem destacada por Couto "obviamente legível e

consistente" possuindo "começo, meio e fim", tanto que o próprio iniciador do movimento – "Eu sei escrever" – estabeleceu um sentido para a dita mensagem.

Percebemos, que, como os articuladores desse tipo de manifestação pouco sabem sobre os estudos científicos da língua e da linguagem, utilizam "falsos argumentos" para comprovarem ser o "internetês" uma "nova" língua, e ainda cheio de "erros crassos", e, esses "argumentos" são facilmente desconstruídos pelos reais estudiosos da língua, os lingüista

Há ainda uma questão mais problemática que essa errônea postura de "valorização" da língua portuguesa propaga, pois presta-se a colaborar com o alastramento do preconceito lingüístico, já que suas atitudes pretensamente "salvadoras", veiculadas de maneira maciça pela mídia, não se dirigem simplesmente ao "internetês", mas também aos sujeitos que o utilizam:

"Não seria justo atribuir a origem de tanto caos, mudança e pancadaria a uma única razão. O jeito do jovem, a infelicidade do mal-educado, a melancolia do ignorante, a esculhambação da pressa, a palidez dos maus exemplos, a escassez de controle, entre tanto outros aspectos, podem ser considerados como desculpas." (Parodi)

"Quando lancei a campanha no fórum, alguns disseram que iam continuar escrevendo como queriam, mas depois de tanta crítica dos próprios colegas, porque a palavra ficava vermelha, passaram a escrever certo." (Couto)

"Está-se deixando de lado a riqueza da língua portuguesa e agarrando-se a contrações vocabulares que, a pretexto de facilitar a comunicação, resvalam para uma espécie de zoológico particular, onde o homem não se sente à vontade." (Mauro Ribeiro – Revista Mais – "Macaco a Vista" in "Mais sobre a Internet")

Scherre (2005) destaca que a mídia é importante na vida da sociedade, quando se compromete com a divulgação de conhecimento de base científica; caso contrário, "é perniciosa e pode criar verdades, falsear fatos, e fazer (mal) a cabeça." (SCHERRE, 2005, p.112), pois em vez de ceder lugar aos lingüistas, os quais podem explicar que o "internetês" não passa apenas de uma diferente maneira de grafar as palavras de modo que agilize a comunicação em textos na Internet, principalmente aqueles produzidos e recebidos em tempo real, e, por isso, jamais poderia ser confundido com uma "nova língua", continua dando espaço a aqueles que pregam que há apenas uma forma correta de falar e escrever. No entanto, esses "pregadores" de "certo x errado" na língua esquecem-se que há outros tipos de escritas além da ortográfica. Há, por exemplo, a alfabética que procura escrever segundo o som, por isso se o falante escreve "caza" ao invés de "casa", não se trata de "uma nova língua", sim, uma outra maneira de grafar, que qualquer outro falante saberia a que significa. Há ainda a escrita ideográfica, aquela que busca representar as idéias (e não os sons) por símbolos, como por exemplo, ao depararmos com duas portas de banheiros, uma com desenho de uma "mulher" e, na outra, um "homem", mesmo sem nenhuma palavra, saberemos qual é o banheiro feminino e qual é o masculino.

E mais, lembrando que a ortografia, tal qual como conhecemos, é somente uma "convenção" e em geral, por uma escolha "arbitrária" já que se estabelece por uma pequenina parcela dos falantes (dicionaristas, Academia Brasileira de Letras e, até governo federal) não podemos prever se no futuro, com o uso cada vez mais constante do computador e da Internet, escreveremos (ou não) com a grafia hegemônica hoje na produção dos gêneros de Internet como e-mails, blogs, chats, msm, entre outros.

## 5. Considerações Finais

---

Refletindo sobre a posição tomada frente ao "internetês" por pessoas que teimam em "preservar" e "valorizar" a língua, percebemos que há ainda uma grande confusão e falta de conhecimentos sobre os mais recentes estudos científicos: os lingüísticos.

Isso porque a mídia cedendo amplo espaço aos adeptos do site "Eu sei escrever" e outros similares, que entendem ser o "internetês" "uma nova língua", e, não compreendem a diferença entre língua e ortografia, ela, a mídia, apóia falsos argumentos e os divulga, auxiliando a propagação da ignorância e do preconceito lingüístico. Enquanto isso, o espaço cedido aos lingüistas, estudiosos da língua orientados por métodos científicos e interessados em promover uma nova compreensão da língua, que não estigmatize os falantes, mas, antes, que devolva a eles a dignidade que lhes é própria, a de produtores da língua, ainda é muito reduzido.

Portanto, é necessário e urgente, que os estudiosos da Lingüística busquem se colocarem de maneira mais evidente na mídia, comunicando pesquisas e recentes estudos, a fim de que muitas confusões sejam desfeitas e preconceitos, abatidos.

## Referências Bibliográficas

---

CASTILHO, Ataliba T. de. Introdução in **A língua falada no ensino de português**. São

Paulo: Editora Contexto, 2004 – p. 09-25

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Lingüística**. São Paulo: Editora Scipione, 2004.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. CAGLIARI, Luiz Carlos. **Diante das Letras: a escrita na alfabetização**.  
Campinas: Mercado de Letras, 1999.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola, 2005

COUTO, Paulo. **Eu sei escrever**. Disponível em:

PARODI, Bruno. **Digitar ou escrever?** Disponível em: [http:// www.nominimo.com.br](http://www.nominimo.com.br) em: 08 jun. 2005

SILVA, Dionísio da. **A volta do filho pródigo**. ed. 333. Disponível em: [http:// www.observatíoriadaimprensa.com.br](http://www.observatíoriadaimprensa.com.br) em: 14 jun. 2005

POSSENTI, Sírio. **Mais sobre Internet**. Disponível em [http:// www.primapagina.terra.com.br](http://www.primapagina.terra.com.br) em: 25 mai.

2005

POSSENTI, Sírio. **Impossível Evitar**. Disponível em [http:// www.primapagina.terra.com.br](http://www.primapagina.terra.com.br) em: 28 jun. 2005

POSSENTI, Sírio. **A velha questão da lgg. dos chats**. Disponível em [http:// www.primapagina.terra.com.br](http://www.primapagina.terra.com.br) e em: 04 mai. 2005

d [http:// www.forumpcs.com.br/coluna.php?b=117373](http://www.forumpcs.com.br/coluna.php?b=117373) e em: 10 jun. 2005